



## Histórias de vida e o Vera

Um percurso  
do qual se orgulhar



**Claudia Martins Lourenço Vartanian**

Professora especialista, polivalente, 7º ano



A série *Histórias de vida e o Vera* é uma homenagem de nossa Escola a alguns dos tantos profissionais que dedicaram uma boa e louvável parcela de suas trajetórias ao compromisso da educação integral de seus alunos, dia a dia formando cidadãos capazes de transformar o mundo.

São esses inesquecíveis profissionais que, ao lado de colegas das equipes pedagógica e administrativa, alunos e familiares, construíram uma comunidade da qual podemos nos orgulhar, nestas seis décadas de tantas vidas da Escola Vera Cruz.

## **Escola Vera Cruz**

Direção Geral: **Heitor Fecarotta**

Direção de Gestão: **Marcelo Chulam**

Direção Pedagógica: **Regina Scarpa**

## **Histórias de Vida e o Vera**

Coordenação, entrevistas e edição de textos:

**Claudia Cavalcanti** (Casa Vera Cruz)

Projeto gráfico: **Kiki Millan** (Casa Vera Cruz)

Retrato da capa: **Claudia Cavalcanti**

Pesquisa de imagens/Arquivo Vera Cruz:

**Priscila Pires** (Comunicação)

Apoio: **Araceli de Carvalho** (Casa Vera Cruz) e **equipe de Recursos Humanos**



Coordenação da produção documental:

**Suzana Lopes Salgado Ribeiro** (Fala Escrita)

Transcritores: **Ana Claudia Moreira Rodrigues, Ana Júlia Paim, Antonio Ernani Wanderley Bueno de Godoy, Daniel Cimatti e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

Captação de vídeo:

**André Nascimento e Carlos Eduardo dos Reis**

Roteiro e edição de vídeos: **Fernando Brook, Iokisa Takau Junior e Suzana Lopes Salgado Ribeiro**

A captação em vídeo e áudio de todos os depoimentos foi feita na Escola Vera Cruz, em outubro de 2021.

Claudia Vartanian começou a trabalhar no Vera em 1980.  
Ela se despediu da Escola no final de 2019.

# Um percurso do qual se orgulhar

## Crescendo no Vera

Entrei no Verinha ainda criança. Dezoito anos. Era 1980. Comecei a fazer um estágio, ainda estava definindo que vestibular que eu ia prestar e, antes de terminar esse estágio, me chamaram para trabalhar. O Vera era nessa época, e continua sendo, um espaço de formação muito grande. A gente estava o tempo todo estudando, se formando mesmo. Era uma equipe muito bacana, com diferentes formações. Lembro que na época tinha artista plástico, arquiteta, cientista social, enfim. E isso acabou definindo um pouco meu rumo profissional. Porque, assim que entrei, me apaixonei pela Escola. A minha ideia era prestar, talvez, para Publicidade e Psicologia. Mas aí acabei cursando Pedagogia na USP.

O Vera sempre foi um espaço mesmo de formação de quem não está sossegado, está sempre se questionando, sempre querendo fazer o melhor. E era uma equipe muito consistente, gente muito boa, era um pessoal muito bacana.

Aos poucos, também foi mudando a estrutura da Escola e outras pessoas foram assumindo cargos, como de orientação.

Eu admirava aquelas pessoas. E elas eram muito orientadoras, assim, no sentido da formação mesmo, enfim. A Beth [Scatolin] foi minha orientadora. Heitor [Fecarotta, diretor geral] entrou também nesse ano e assumiu o nível 1. Fiquei ali nove anos. Fui transitando, então eu fiquei um ano e meio como auxiliar. Na metade de um ano, uma das professoras que eu auxiliava saiu, do Jardim, na época. Assumi naquele meio do ano e, no ano seguinte, como professora titular.

Lembro que a minha primeira turma era a turma dos filhos, de sete filhos de funcionários. Então, a minha turma do Maternal foi muito significativa. Marcelo [Chulam, diretor de gestão], que hoje é um dos diretores, foi meu aluno também.

Depois fiquei bastante no Jardim 2, crianças de 5 anos. E aí se formou um grupo para pensar e repensar a alfabetização. Era um grupo para estudar a Emília Ferreiro e mudar toda a alfabetização, todo um olhar para essa alfabetização. Porque, até então, a alfabetização era a partir do pré e da 1ª série. Era coordenado pela Madalena [Jalbut]; a gente estudava muito, muito. Lemos todo o trabalho dela, e a partir daí começamos a fazer mudanças significativas. Que aluno era esse que já sabia ler muito antes do que a gente imaginava? Esse grupo foi uma coisa muito marcante. E acabou me abrindo portas para fazer

um outro trabalho, ligado a editoras. Escrevi vários livros ligados à alfabetização. Me abriu um outro campo.

## Breve hiato para a descoberta

Mas eu queria ser orientadora. Saí da Escola em 89, 90. Em seis meses, descobri que o que eu gostava era de escola, mesmo. Então, justamente, fui trabalhar com atendimento de crianças com dificuldade em se alfabetizar. Comecei a trabalhar também com a elaboração de materiais, mas eu tinha saudade de trabalhar em grupo, dessa coisa que o Vera me ensinou, essa construção coletiva. Eu me sentia muito sozinha, e muito parada. Por mais que eu ficasse atendida, fizesse curso, faltava o grupo, a construção.

Depois de dois anos, falei: "Quero voltar para a Escola". Fui conversar com o Heitor. Eu tinha vontade de ir para o Fundamental. Ele estava com uma equipe muito fechada e me aconselhou a procurar o nível 2. Passei por todo o processo de seleção. Fiz estágio, fiz as dinâmicas de grupo e tudo mais, e acabei sendo contratada.

E, também, pensando: "Gente, nunca trabalhei com o Fundamental". E fui para a 4ª série ser professora auxiliar. E nova-

mente vi essa formação podendo acontecer. E segurar uma classe, enfim, com toda a dinâmica que a faixa etária exige. Mas se mantinham as reuniões de grupo-série, as reuniões com a orientadora. Era algo muito semelhante ao Verinha. E muito estudo.

Então peguei uma fase de mudança de Língua Portuguesa. Foi quando a gente começou a trabalhar os gêneros. Na época, a coordenadora era a Jacqueline [Barbosa].

A gente passou um bom tempo estudando, mas ao mesmo tempo desenvolvendo atividades-piloto nas salas de aula dessas professoras, com cada gênero. Foi Márcia Lopez quem me chamou para trabalhar com assessoria externa às escolas públicas. Foi uma experiência fantástica, você entrar em contato com uma outra população, outros profissionais, tentar imprimir uma construção coletiva. Como é que você se senta na mesa com um monte professores e pensa num projeto? Como coloca esse projeto para funcionar?

A gente fazia assessoria de Língua Portuguesa e Matemática. Um jeito de pensar a Matemática muito diferente daquele que eu tinha aprendido. E me encantei também com a Matemática.

Nesse intervalinho de sair do Vera, de dois anos, me casei e me tornei mãe. Então, voltei também num outro lugar, não é verdade? Lembro que eu falava: "Gente, para trabalhar com criança, tem que ser mãe". Porque aí você passa a entender uma série de coisas. Porque, às vezes, você fala: "Nossa, essa mãe é louca, não sei o quê..." . Você tem um outro olhar pra esse aluno — e todo o amadurecimento que a maternidade lhe traz.

Meus dois filhos estudaram no Vera. Daniel e Carolina entraram no Maternal e foram até o Ensino Médio. Eles gostaram mesmo do Ensino Médio, porque, aí, eu não conhecia ninguém [risos]. Eu, pelo menos, não estava ali todo dia sabendo da vida deles.

Enfim, acho que fiquei 23 anos no nível 2. E dei um salto para o 5º ano. Toda vez que eu dava saltos assim, eu falava: "Nossa, eu vou dar conta?". E foi muito bacana esse meu tempo de 5º ano. Tive uma equipe muito legal.

## Assessoria, reflexão e questionamentos

Continuei fazendo as assessorias externas, não só com esse pessoal de escola pública, porque o projeto também foi mu-

dando. Eu recebia também escolas de fora. Lembro-me muito de Venda Nova do Horizonte, do Espírito Santo, com uma equipe muito bacana. Vira e mexe, eu fazia a formação.

Na Assessoria, a menina dos olhos eram as escolas públicas. Havia duas escolas de São Paulo que ficavam bem distantes, o Maria João Pinheiro e a Roquette Pinto. Bem distantes mesmo. Eu saía de manhã, deixava meu carro no metrô e ia, sei lá, até a Vila Matilde, Vila Carrão. Aí, pegava um táxi e andava muito para chegar nessas escolas.

A gente tinha essa formação em Língua Portuguesa e Matemática. Lembro muito que a Língua Portuguesa já tinha esse trabalho com os gêneros. E a gente ia até lá e fazia essas reuniões de formação da equipe. O Vera também cedia material, blocos e tudo mais. Além disso, a gente fazia oficinas. Então, chegava em período de férias, fazia oficinas, às vezes, para todo um pessoal. Tinha uma divisão das escolas da região. Então, fizemos oficinas de Matemática, de Língua Portuguesa. Eu me lembro uma vez de uma oficina de crônicas! Que foi incrível. Para isso, a gente tinha também um espaço de formação.

Uma vez por semana, nos sentávamos para essas reuniões. A gente tinha um espaço de formação, toda quinta-feira de

manhã, quando a gente lia, preparava essas formações com características diferentes, porque cada uma ia trabalhar com professores de determinada faixa etária.

Fora isso, a gente também recebia escolas particulares que procuravam o Vera, compravam o material. Normalmente, as escolas vinham, passavam uma semana, faziam um estágio, a gente se reunia com o coordenador e tudo mais. Sempre com a supervisão de Márcia Lopez e Stella Mercadante [ex-diretora].

Esse grupo era pequeno, depois foi entrando mais gente. Era bem puxado, um trabalho bem exigente, porque eu continuava sendo professora no Vera, dando aula e tudo mais. E de uma a duas vezes por mês eu ia para um lugar distante, sozinha. E, na volta, fazia o relatório. Márcia é uma das pessoas mais competentes que eu conheço. E exigente. Não era pouca coisa.

Acho que fiquei na Assessoria Externa uns cinco, seis anos. Foi um período, também, de muita reflexão. Estar com esses professores de escola pública trazia muitos questionamentos para minha sala de aula, ou para o meu grupo-série.

## Outro nível

O nível 2: quando eu entrei, Ana Calero era a coordenadora. Depois, Elisa [Vieira] e, em seguida, Eloísa Ponzio. Pouco antes dela, já era um desejo mudar um pouco, até a estrutura de trabalho. Eu tinha uma curiosidade, mas tinha medo. Eu tinha na cabeça: "Ai, um dia eu vou pedir para ser auxiliar. Preciso aprender, nem sei os conteúdos, nem sei se sei". Fui mãe de alunos da equipe do nível 3, então conhecia os colegas. Me lembro muito da Cris Macedo [professora de Biblioteca] falando para mim: "Mas você tem cara do nível 3, você tem que vir".

Um dia eu falei com a Vera [Conn, ex-coordenadora]: "Vera, um dia eu venho". E Vera: "Ah, eu vou adorar!". A gente se dava muito bem. Um dia ela me falou que ia ter uma vaga, e se eu toparia. "Cláudia, só que é no 7º ano". "Não, Vera! Tem que ser no 6º. Nunca trabalhei com essa faixa etária!" Ela conversou comigo e eu fui para o 7º ano. Nossa! Eu nunca vou esquecer. Peguei todo o material de 6º, passei as férias estudando para conseguir, depois, poder acompanhar o 7º.

Tem uma hora que tem que dar uma mudada. E foi muito bom. E eu me identifiquei muito com a equipe. Lembro que passei

o primeiro ano tão quietinha. No segundo ano, eu já estava em casa.

Me apaixonei totalmente por esses pré-adolescentes, essa coisa de transição, né? Eles questionam o conteúdo, duvidam daquilo que a ciência fala. Isso é muito bacana.

Fiquei cinco anos no nível 3. E achei que se eu prolongasse um pouco mais, iria ficar desgastada. A Escola estava passando por muitas mudanças também, seja em termos de estrutura, de equipe, e também de linha de trabalho. E a gente vai ficando velha. Eu sempre topei todas as mudanças, questionando sempre. Sempre fui uma pessoa muito questionadora: “Por que é que é mesmo? Mas por que é que não? Por que é que sim?”

Acompanhei a chegada do Daniel [Helene, coordenador]. Lembro que quando fui embora, o Daniel fez um discurso muito emocionado. A gente se deu muito bem e, ao mesmo tempo, a gente brigava. Ele falou que eu tinha sido uma pessoa muito marcante na chegada dele, justamente por isso, por instigar. A Elisa falava para mim, quando ela ia para a reunião geral, que ela tinha medo de mim. Essa coisa de eu sempre perguntar... Eu falo: “Sou fruto da gente”.

## No meio do caminho, outro caminho

No meio de tudo isso, quando eu estava no nível 2, fui fazer Psicopedagogia. Contribuiu muito. De um lado, sempre teve um movimento, assim, para fora, de aprender, de querer buscar alguma coisa, mas porque aqui dentro as coisas estavam sempre em ebulição.

Achei que eu já estava mais cansada, quando começou a haver aquelas mudanças. Não queria ser aquela pessoa queixosa. Era melhor sair feliz, não é? E fiz mesmo uma saída muito bacana. Sabe, quando você encerra? Tenho uma foto da turma final, que foi um presente. Eles estão agora no 9º ano e têm contato comigo.

Se a gente pensar, entrei em 80, saí em 2019. É muito tempo. É uma vida. Entrei adolescente. Eu saía, eu ia nas festas, eu fiz faculdade, eu me especializei e depois virei mãe. Meus filhos cresceram. Virei mãe de filhos adultos. Aqui dentro, no Vera. Eu costumava dizer que eu gostava de ficar aqui porque eu não me sentia envelhecendo. E gozado que nesses dois anos que eu estou fora, parece que, você estando mais afastado de escola e de aluno, isso envelhece um pouco. Porque você tem que estar ali inteira. Disponível e energética. Eu tinha uma aluna

que falava: "Eu gosto de você porque você é energética!". E era! Então, pensei, antes de eu ficar "desenergética", deixa eu puxar meu carro, porque também quero aproveitar essa energia para mim um pouco, para descansar.

Acho que eu tenho uma vida aqui dentro [do Vera]. Quando eu vejo a Escola e vejo todas as transformações pelas quais ela está passando, vejo o site, as fotos, sinto orgulho. Fiz parte dessa construção.

Vejo que as coisas precisam estar sempre dinâmicas. E entendo isso. Acho que participei disso em muitos momentos. Na pandemia, falei: "Gente, como é que é isso?". Eles nessa faixa etária, em casa?! Quando você está querendo se desligar um pouco, ficar com a sua turma. Eles não estão se encontrando. Eles não estão se vendo. Acho que os professores foram incríveis, não é? Conseguiram muita coisa, mas vai ter mais exigência, ainda, com essa turma que está vindo, que ficou dois anos em outro lugar.

Isso de ouvir e de compartilhar. Eu ficava imaginando determinados alunos. Você pensa na sua última turma: "Meu Deus... Como é que ele está fazendo? Ou não está fazendo?". Se na sala de aula, às vezes, com todos os aparatos... Uma coisa que ficou muito forte no nível 3, nesse período, era a questão de derrubar os muros

da sala de aula. Como assim, derrubar? Quer ver uma coisa que me pirou? A história das carteiras. “Não, não pode ter, tem que ser uma mesa.” Eu falava: “Gente, mas eles não vão me ouvir”. Até que eu consegui perceber que eles não tinham que me ouvir. Não era eu que tinha que estar ali, sempre. Eles tinham que desenvolver a capacidade de se ouvir, de olhar para o outro, eles têm que olhar o objeto que estão estudando. Professor tem essa coisa do palco. Sair desse lugar era uma coisa muito assustadora. É isso, sempre causa medo, mas eu sempre acreditei muito, sabe? Os recursos tecnológicos na sala de aula, por exemplo. Lembro que era um desafio. Eu adorava uma lousa!

No meu último ano, o Daniel tinha proposto a elaboração de um folder. E eu falava: “Mas eu tenho que estudar”. Quando eu fui propor, tinha uma aluna que sabia fazer. Eu mesma aprendi. Sentei lá e ela foi fazendo, mostrando, e tinha outro que também sabia. Então, isso é muito bacana. Uma bagagem que às vezes a gente, mais antiga, não tem.

Essas mudanças que vão acontecendo, se de alguma maneira elas assustam, elas têm que acontecer. Porque senão uma escola fica parada, repete a mesma coisa, enfim. Aí, não é o Vera.

Sou muito agradecida a esse período que eu vivi, quase 40 anos. Onde eu pude aprender a ser assim, onde pude ensinar muito, trocar. Toda a minha formação, essa cara que eu tenho hoje, é fruto disso aqui. Os meus filhos... Aquela minha tribo. É muito isso.

Tenho as minhas amigas, as Primavera, que são da minha época de Verinha. Tem isso também, a gente constrói vínculos muito fortes.

Quando saí do Vera, fiz uma festa para todo mundo do nível 3 e convidei a minha turma de nível 2. Foi uma festa bem gostosa, bem legal. Eu celebrei, sabe?

Se tenho saudade? Eu tenho, as boas lembranças, não sei se isso é saudade. Estou muito feliz de não ter aquele compromisso com horário, enfim. Mas sinto que só estou assim, plena, porque a Escola contribuiu, porque eu tive um percurso profissional do qual me orgulho bastante, e que eu agradeço.



Uma realização da Escola Vera Cruz | 2021

